

## I CONGRESSO DO BOMBO

28 e 29 Novembro 2015 – Aula Magna, Lisboa

23 – Publico Maria Ceia

Obrigado Rui

Tenho ainda uma pessoa do publico que nos quer colocar uma questão e que gostaria de passar o microfone:

Olá boa tarde, então eu achei as comunicações em geral bastante inspiradoras para aquilo que nós fazemos e agora em função daquilo que me disseram eu queria retribuir com uma questão que é o seguinte: imagino que os grupos de bombos e as orquestra de percussão á semelhança do Tocá Rufar se deparam com questões como seja da sustentabilidade da própria organização e encontrei aqui boas pistas, por exemplo a questão da adaptabilidade, acho fundamental , mas levanto outras questões , por exemplo os espetáculos são a nossa maior fonte de rendimento, e muitas vezes quando alguém nos compra um espetáculo tem exigências do género : queremos uma coisa mais género hip pop ou que a determinada altura queremos que façam um grito, e a nossa questão é, até que ponto é que nós devemos ser adaptáveis e até que ponto é que devemos ser, fazer finca-pé em determinados princípios, embora eu ache que sim senhor devamos ser adaptáveis e que sendo artistas temos a responsabilidade de ser criativos nessa adaptabilidade . Outra questão que eu achei fantástica, nunca tinha pensado nisso, é pensar que a nossa organização interna, do Tocá Rufar, pode fazer parte da nossa identidade cultural, mas alem disso que a nossa organização enquanto sociedade também pode fazer parte da nossa identidade cultural e enquanto estes 2 aspetos não estiveram bem resolvidos se calhar vai ser muito difícil a internacionalização. Inspira-me também muito a ideia de que estas coisa tem que ser feitas com base no prazer, senão não fazem sentido. A arte em si acho que não fara sentido como um negocio só para ganhar dinheiro mas tem que ter um prazer associado e também acho fundamental a questão da educação e formação de públicos para que isto faça sentido, mas depois coloco-me questões ás quais, eu e o Rui em dialogo, as quais não consigo responder e imagino que aconteça nos outros grupos de percussão por exemplo se a nossa base fundamental de rendimento são os espetáculos será que é a nossa organização interna que está errada , e que se calhar se queremos fazer um trabalho mais independentes, não podemos estar dependentes das pessoas que nos compram os espetáculos ou será que essa questão se pode colmatar com investimento na formação, porque quanto mais formadas forem as pessoas do ponto de vista cultural melhor saberão também escolher os produtos que querem investir e querem comprar e á outra questão que é nós muitas vezes falamos os dois e dizemos nós conseguimos sempre desenvolver o Tocá rufar do ponto de vista pedagógico , do ponto de vista cultural, achamos mesmo do ponto de vista artístico tamos a dar passos muito importantes, mas tamos sempre no nível da sustentabilidade, não conseguimos transformar isto num negocio, será que queremos transformar isto num negócio, será que o valor da arte se pode medir ou se pode traduzir em dinheiro ou isso não acontece nem é desejável, não sei muito sinceramente, não sei se calhar aquilo que nós queremos já conseguimos , que é criar valor que não, financeiro, se calhar isso que nós desejamos que é ter um negocio

de sucesso nós já temos simplesmente isso não é traduzível em dinheiro , não sei , mas sei que apesar do prazer ser muito importante ao final do dia nós gostamos de ir para, e ter uma casa e pagar uma renda, e comer e ir de férias e essas coisa todas , o que é que tem para me dizer?